



Ministério da Saúde
FIO CRUZ
Fundação Osvaldo Cruz
Instituto Osvaldo Cruz
Curso de Especialização em Ciência, Arte e Cultura na Saúde

Ana Paula de Aquino Machado

**A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA ESCOLA: REVISÃO
SISTEMÁTICA**

Rio de Janeiro

2018

Ana Paula de Aquino Machado

**A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA ESCOLA: REVISÃO
SISTEMÁTICA**

Monografia submetida à Banca Examinadora como requisito parcial para obtenção do Título de Especialista em Ciência, Arte e Cultura na Saúde do Curso de Ciência, Arte e Cultura na Saúde pelo Instituto Oswaldo Cruz/FIO CRUZ.

Orientadora: Professora Dr^a. LARISSA ESCARCE BENTO WOLLZ

Rio de Janeiro
2018

de Aquino Machado, Ana Paula.

A importância da afetividade na escola: Revisão sistemática / Ana Paula de Aquino Machado. - Rio de Janeiro, 2018.
60 f.

Monografia (Especialização) - Instituto Oswaldo Cruz, Pós-Graduação em Ciência, Arte e Cultura na Saúde, 2018.

Orientadora: Larissa Scarce Bento Wolls.

Bibliografia: f. 57-60

1. Afetividade. 2. Alunos. 3. Docentes. 4. Educação. 5. Ensino aprendizagem. I. Título.

Ana Paula de Aquino Machado

**A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA ESCOLA: REVISÃO
SISTEMÁTICA**

Monografia submetida à Banca Examinadora como requisito parcial para obtenção do Título de Especialista em Ciência, Arte e Cultura na Saúde do Curso de Ciência, Arte e Cultura na Saúde pelo Instituto Oswaldo Cruz/FIO CRUZ.

Aprovada em ___/___/2018.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Professora Dr^a. Larissa Escarce Bento Wollz
IOC/FIO CRUZ

Professora Dr^a Ana Eliza Port Lourenço
UFRJ

Professora Dr^a Rita de Cássia Flores Muller
UNISUAM

Professora Ms. Anunciata Cristina Marins Braz Sawada
IOC/FIO CRUZ

Dedicatória

A minha linda filha, Anna Rafaela,

Uma criança movida pela afetividade, sensibilidade e arte.

Minha maior motivação pela realização deste trabalho!

A professora da minha filha,

Maria Cristina Narciso dos Santos

totalmente sensível e envolvida

pela afetividade em sua prática pedagógica.

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus e Pai(Jesus Cristo), por permitir-me a realização deste sonho, tornando-me cada vez mais humanista.

A minha família, por toda compreensão.A minha linda filha totalmente sensível, delicada e afetiva, que deu vida a esse trabalho.

A professora da minha filha Maria Cristina Narciso dos santos, que com amor, sensibilidade e afetividade, acredita e trabalha com a educação emocional da turma.Favorecendo assim, a relação de interação social entre a minha filha com o grupo na escola nova.

Agradeço com muito amor, a minha querida professora Larissa Wollz, orientadora maravilhosa, que de uma forma toda especial,imediatamente aceitou-me, acolheu-me, com sensibilidade e afeto conduziu-me ao fomento deste trabalho.

Agradeço as queridas professoras Ana Eliza Port Lourenço e Rita Flores Muller, que aceitaram gentilmente fazer parte da banca examinadora.

Agradeço com imenso amor, meus educadores transformadores, os professores Caco Xavier e Márcio Melo, por aceitarem fazer parte da minha história.

A minha querida professora(sensível e afetiva)Anunciata Sawada sempre muito cuidadosa e engajada,durante todo o curso que , esteve mantendo o diálogo com a turma, dando força e incentivo para a sua conclusão eficaz.

A querida professora Tânia Araújo Jorge, que juntamente com a maravilhosa professora Anunciata Sawada e a querida professora Valéria Trajano,ensejaram o sucesso pelo trabalho de conscientização em Ciência e Arte.

Ao professor Francisco Romão Ferreira que, com a sua filosofia propos pensarmos juntos a Ciência e Arte.

A querida professora Ana Lúcia Souto, que desenvolveu seu plano de curso em torno da criatividade dos alunos, favorecendo a resiliência por meio da arte.

Agradeço a todos os atores envolvidos nos encontros e com quem estive junto ao longo do curso; professores, alunos e funcionários, compartilhando vivências e saberes, que através da afetividade na interação social, favoreceram o meu progresso.

A CIÊNCIA E A ARTE

A beleza da construção de ambas,

Poderá satisfazer minha alma,

Com o uso de metodologias que,

Tendem a uma caminhada para o progresso.

Toda manifestação com arte é uma experiência científica,

A arte reconhecendo o sensível em sua volta,

A ciência, por sua vez, enriquecendo o saber,

Por meio de uma dimensão estética.

Desta forma a Ciência e a Arte,

Precisam significar o bel-prazer do saber,

Aprimorando seus conceitos e proporcionando,

Uma linda construção de ideias com sentido eficiente.

Ao longo deste trajeto, a Ciência e a Arte, esbanjam saberes e nos envolvem afetivamente, tratando com afeto o grupo, afetando e afetados, os cientistas e artistas,

Transformando-os em educadores sensíveis. Sentimentos e emoções nos unem,

Traçando caminhos diversos para mais um encontro,

Estimulando a uma grande descoberta, a afetividade na sala de aula,

Fomentando a minha ideia de CIENCIARTE.

ANA PAULA

Produção individual como
parte de avaliação para a
disciplina de Arte e
Educação

RESUMO

Essa pesquisa consiste numa análise sobre a importância da Afetividade na escola e uma revisão bibliográfica. Buscamos analisar o afeto como sendo considerado fundamental para a construção do conhecimento e ferramenta pedagógica no processo de ensino-aprendizagem. A atuação educacional da afetividade como forma de promover a interação social dos atores envolvidos, consiste em relacionar a vivência dos educandos com o meio, promovendo diálogos. Decidimos trabalhar e analisar questões essenciais pelo estudo relacionado a afetividade e sua contribuição no processo educativo. A relação de afeto começa pelas relações humanas, com os atores envolvidos e o meio. Portanto, essa pesquisa trata da importância da afetividade na escola e as suas contribuições ao processo de ensino-aprendizagem. A partir da especificidade do tema podemos perceber que a afetividade deveria ser trabalhada como condição primeira na escola, pois, ela é o local ideal e responsável por momentos em que se oferece maior possibilidade de estabelecer relações. Os educandos passam maior parte de suas vidas dentro da escola, por isso, é tão relevante que, os educadores transformem o ambiente com afeto, e que as experiências sejam permeadas pela afetividade.

Palavras-chave: Afetividade; educação; docentes, alunos e ensino-aprendizagem.

ABSTRAT

This research consists of an analysis of the importance of Affectivity in school and a review of the literature on Affectivity in education. In this work we seek to analyze affection as being considered fundamental for the construction of knowledge and an excellent pedagogical tool in the teaching-learning process. The educational action of affectivity as a way to promote the social interaction of the actors involved, consists in relating the students' experience with the environment by promoting dialogues. As well as presenting the view of the theorists on the subject, we decided to work and analyze essential questions by the study related to affectivity and its contribution in the educational process, the conceptualization of the subject is necessary, due to the complexity that surrounds it, since the relation of Affection begins with human relationships with the actors involved and the environment. Therefore, this research deals with the importance of affectivity in school and its contributions to the teaching-learning process. From the specificity of the theme we can see that affectivity should be worked as the first condition in the school, because it is the ideal place and responsible for times when it offers greater possibility of establishing relationships. The learners spend most of their lives inside the school, so it is so important that the affection is part of the environment and the experiences are permeated by affectivity.

Keywords: Affectivity; education; Teachers, students and teaching-learning.

SUMÁRIO

Resumo	08
Introdução	10

CAPÍTULO.1-ASPECTOS RELEVANTES SOBRE A TEORIA DE VYGOSKY.

1.1 - A teoria de Vygotsky e sua relação com a afetividade.	18
1.2- A importância da afetividade dentro da sala de aula	24

CAPÍTULO.2- A VISÃO DE HENRI WALLON SOBRE A AFETIVIDADE.

2.1- A teoria de Henri Wallon e suas contribuições.....	28
2.2 - A afetividade e a sua relação com o ensino-aprendizagem.....	32

CAPÍTULO. 3 - O OLHAR DE PAULO FREIRE SOBRE A RELAÇÃO AFETIVA ENTRE PROFESSOR/ALUNO.

3.1- A relevância da afetividade segundo Paulo Freire	35
3.2- Educar com afetividade: uma ferramenta da prática pedagógica.....	38

CAPÍTULO.4-ANÁLISE DOS TEXTOS SOBRE AFETIVIDADE NA ESCOLA.

4.1- A mediação da educação através da afetividade	42
4.2- Afetividade no processo de ensino-aprendizagem	45

CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
----------------------------	----

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	57
----------------------------------	----

INTRODUÇÃO

Para falar sobre a afetividade na educação, vimos a necessidade de conceituá-la e, para tanto, buscamos nessa pesquisa relacionar o tema a sua relevância educacional, com uma significação mais ampla.

Segundo Antunes(1999),a educação emocional é uma permissão que o aluno tem para administrar suas emoções, para tanto, ela é considerada uma habilidade para controlar os impulsos, as emoções, de aliviar-se da ansiedade e direcionar a raiva a condição correta.

A educação emocional permite o surgimento da afetividade, com isso, favorece a troca de experiências. Portanto, a relação com o afeto, deveria ser a primeira preocupação dentro de uma escola, porque, trata-se de um elemento que condiciona o comportamento dos estudantes.

Nesse contexto educacional, entendemos que, na escola temos a oportunidade de aprender sobre o domínio de nossas emoções. Isso é, mesmo que uma pessoa faça algo que não gostamos, não quer dizer necessariamente que a odiamos. Precisamos aprender a lidar com o que gostamos e com o que não gostamos também, para não colerizarmos quando formos contrariados por algo ou alguém. Quanto antes educarmos nossos pequenos alunos, melhor será, para formação de grandes homens e mulheres.

Nessa pesquisa buscamos tratar a afetividade como um componente do ato pedagógico, apreciado pelo educador dentro da escola, capaz de promover o fomento do aluno para a vida,sua relação com o ensino-aprendizagem, a interação com outros sujeitos e ainda favorecer a escola inteira.

A definição de afetividade faz-se necessária, para a compreensão da forma como abordaremos o assunto.Segundo o dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2004, p,19), “a afetividade é relativa a quem que tem ou denota afeição”.

Segundo Tassoni (2000, p. 4) “A afetividade é o termo utilizado com uma significação ampla, referindo-se à vivência dos indivíduos e as formas de expressão mais complexas e essencialmente humanas”.

Apesar da pouca conceituação sobre o tema, entendemos que a afetividade pode ser vista,como todo o domínio das emoções, dos sentimentos, das experiências sensíveis

e pela capacidade que o sujeito possuem tornar-se parceiro, tanto para entrar em contato e quanto para estabelecer relações.

Visto que a afetividade possui uma inclinação para a interação social entre os sujeitos, ela pode ser considerada uma ferramenta preciosa e muito eficaz para desenvolver habilidades, favorecer todo o processo de ensino-aprendizagem e também estimular as relações humanas.

As diretrizes curriculares educacionais. Assinalam que, para efetivação de educação de qualidade. Essa necessariamente desenvolverá nos aprendizes, diferentes habilidades, como: capacidades cognitivas, afetiva, de inserção e relação social. (DCN, 2005, p.1)

Como pedagoga, entendo que tudo que acontece no ambiente escolar é pedagógico, o afeto está presente na escola a todo o momento, trata-se de uma espécie de educação emocional, desenvolvida pelo trabalho do educador com os educandos, e do próprio grupo estudantil, dentro da escola e até mesmo fora dela.

O professor e o aluno tornam-se protagonistas desse enredo, sendo responsáveis por suas experiências, que com afetuosidade participam de uma convivência harmoniosa, ensejando a construção de saberes que levarão para além dos muros da escola. O educador é um agente transformador de mentes e corações, para tal função ele deverá criar ambientes propícios para essas vivências, sendo ele, somente o coautor dessas histórias na escola, porque, os alunos são sujeitos ativos, que uma vez, favorecidos pela ambiência, poderão atuar como protagonistas e escreverem suas próprias histórias.

Por meio dessas mudanças, o processo afetivo passa pela forma de ensinar, assim, o educador terá a chance de, se necessário for, mudar a fórmula, trabalhando com ludicidade, motivando a turma a entender a essência da educação e a lógica, para efetivar a verdadeira função da escola. Que é como entender o que se deseja, o que se deverá fazer para alcançar as suas conquistas, como cidadão.

As comunicações é os diálogos propostos pela escola, assim como todos os conteúdos componentes do currículo e a sua dimensão, tratam-se diretamente da evocação do amor para lidar com fatores que falam da característica dos alunos, marcando uma ideia de inclusão, foco e reconhecimento, com maior objetivo e

paixão e também atingem todos os fatores, contribuindo para o favorecimento das relações sociais.

Os parâmetros curriculares nacionais¹(1997,p.46),constituem uma referência ao currículo dos estudantes que visam o desenvolvimento de capacidades de relações interpessoais, cognitivas, afetivas, ética, estética, entre outros fatores,para que o aluno possa relacionar-se de maneira adequada com a comunidade, atuando como cidadão, aprendendo a respeitar e ser respeitado, a escutar e ser escutado, a reivindicar seus direitos e a cumprir seus deveres.

Portanto, como pedagoga, ensejo a visibilidade da afetividade na educação,ela deverá ocupar uma posição educacional relevante no cenário da escola.O afeto é concebido como o conhecimento construído acerca da cultura, através da vivência dos indivíduos.Ele não se restringe apenas ao contato físico, mas, sim nas manifestações que a interação social favorece e estabelece entre os atores envolvidos na escola.

Nesse cenário escolar,concluímos que a dimensão afetiva deverá estar inserida na aprendizagem dos escolares e nos seus relacionamentos.Issso se deve ao fato de que os docentes e os discentes participam ativamente das relações favorecidas pela escola, afetando-se no cotidiano.

Ainda recorrendo aos Parâmetros Curriculares Nacionais escola é o local ideal e responsável por,momento em que se oferece maior possibilidade, de estabelecer relações entre os sujeitos.Os educandos passam maior parte de suas vidas dentro da escola, por isso é tão relevante que a ambiência seja movida pela afetividade. Nesses espaços escolares, percebe-se a afetividade como instrumento para saúde, pois com uma relação saudável e harmoniosa, os discentes serão favorecidos para uma construção de autonomia em suas próprias vidas.

¹ BRASIL.

Neste curso de especialização, percebi intensamente a consciente construção do vínculo afetivo, não só pela interação harmoniosa da turma como também pelos fatos que minha filha de nove anos vivenciava na escola, ao mesmo momento em que eu cursava a pós-graduação.

Como educadora e educanda, experimentei ações e vivências simultâneas, que contribuirão para este trabalho. A afetividade presente de forma tão afluída, proporcionou momentos únicos que transformaram-me de forma arrebatadora. Desta forma, não poderia deixar de externar essa emoção contributiva para o processo de ensino-aprendizagem e almejei pesquisar como a afetividade é um tema tão relevante para a educação.

Ao longo do curso de Ciência e Arte, tivemos a oportunidade de pensar a saúde de forma integral como sempre era exposto nas aulas, entender a relação da ciência com a arte e conscientizar como a CienciArte, tão enfatizada no curso, está intimamente conectada com a saúde. Existe um “importante elo nas relações entre Arte e Ciência: a Arte pode sensibilizar a percepção, via expansão de nossos sentidos, de nossos olhares, e nos facilitar o encontro de novas ideias e soluções”. (ARAUJO-JORGE, 2007, p. 7)

Para melhor entendimento sobre a junção de CienciArte temos a seguinte explanação do Professor Francisco Romão Ferreira², a saber:

Nossa proposta de conciliar Arte e Ciência vai ao encontro da necessidade de buscar novos rumos na educação e na formação de profissionais, a partir da criação de instrumentos que facilitem e potencializem o aprendizado de ciências. (FERREIRA, 2010, p. 270).

Percebemos a presença marcante da Ciência, Arte e Cultura na saúde dos atores da escola através do afeto visto e trabalhado como uma função essencial, como uma relação tão profunda e sincera entre o educador e a turma, marcada pelo amor, cuidar, saúde e a relação com o outro. Assim, todas as ações sobre educação dos sujeitos comunicam por demonstrarem os seus comportamentos, culturas, atos,

² Professor Francisco Romão / doutor em Ciências pela Escola Nacional de Saúde Pública e pós-doutor em ensino de biociências na saúde, pelo Instituto Oswaldo Cruz / FIOCRUZ. - autor de uma proposta de disciplina na linha Ciência e Arte, para possíveis diálogos no processo de ensino-aprendizagem do curso de pós-graduação da Fundação Oswaldo Cruz. 2010.

criatividades, intenções, crença, valores, sentimento, desejos, toques, entre outros afetos.

Segundo Ferreira(2010), a compreensão e identificação dos papéis assim como: intuição, afeto, emoções e intensas são produções de conhecimento, permitem o diálogo para novas ideias e percepção dos processos de conhecimento, pois, assim podemos criar instrumentos e trabalhar com estratégias pedagógicas que poderão aumentar a capacidade de criação, formando novos conceitos e forma de perceber a criatividade artística e científica. Enriquecendo o diálogo entre Ciência e Arte, criando meios completos, importantes e afetivos para essa relação.

Nesta via de mão dupla, a afetividade envolve as pessoas de forma tal que, como uma simbiose, os sujeitos vão a cada encontro, afetando-se e transformando-se mutuamente nas relações e conseqüentemente atingindo o progresso no ensino-aprendizagem.

Diante das questões acima citadas, esse estudo trata da compreensão dos sentidos da afetividade e a sua interação sociocultural, dentro do processo educacional, consistindo em uma pesquisa cujo objetivo permeia sobre a relação de importância da afetividade na escola e de uma revisão bibliográfica.

Escolhemos uma fonte de pesquisa significativa para tratar da abordagem científica dos referenciais bibliográficos: Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade de Sueli Ferreira Deslandes, Maria Cecília Minayo (organizadora) e Romeu Gomes.

“As ciências sociais, no entanto, possuem instrumentos e teorias capazes de fazer aproximação da suntuosa existência dos seres humanos em sociedade”. (DESLANDES, 2008, p.14).

Buscamos a compreensão para a elaboração deste trabalho nesta bibliografia sobre pesquisa social que trata do dinamismo da vida individual e coletiva e toda a riqueza de interação, que se necessita na existência humana e na sua relação social.

Especificamente, estudamos o capítulo que trata o projeto de pesquisa como exercício científico e artesanato intelectual, sua

abordagem qualitativa na metodologia para a revisão bibliográfica, análise e apresentação deste trabalho:

Entendemos por metodologia o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. Ou seja, a metodologia inclui simultaneamente a teoria da abordagem (o método), os instrumentos de operacionalização do conhecimento (as técnicas) e a criatividade do pesquisador (sua experiência, sua capacidade pessoal e sensibilidade). A metodologia ocupa um lugar central no interior das teorias e está referida a elas. (DESLANDES, 2008, p. 15).

Partimos do ponto de estudo onde realizamos uma revisão crítica da literatura, exploratória e descritiva do tipo narrativa a partir de bibliografias referentes aos autores trabalhados, como: Vygotsky, Henri Wallon e Paulo Freire. Também, uma pesquisa em artigos nos portais de periódicos eletrônicos de acesso livre, disponíveis nas bases eletrônicas: Scielo, Google Acadêmico e Portal Capes.

A partir da pesquisa, leitura de algumas bibliografias e análise sobre a visão dos autores, tratamos de planejar e elaborar de forma sistemática os três primeiros capítulos.

No quarto capítulo buscamos trabalhar com a perspectiva e análise de alguns textos sobre o nosso tema. Escolhemos como uma estratégia para busca a utilização e/ou combinação das seguintes palavras chaves: afetividade; educação; docentes, alunos e ensino-aprendizagem.

Pesquisamos inicialmente artigos separados e organizados, conforme a descrição da Tabela abaixo:

Artigos Pesquisados:	
1)-A importância da afetividade na escola e na aprendizagem dos alunos:	8 artigos;
2)-Afetividade no processo de ensino-aprendizagem.	4 artigos;
4)-A relação entre a afetividade, desenvolvimento e as suas implicações na prática docente.	2 artigos;
5)-Afetividade: por uma educação humanizada e de qualidade.	2 artigos;
6)- Contribuições de Vygotsky e Henri Wallon, à relação cognição e afetividade na educação:	4 artigos;
7)-Desenvolvimento na interação social e no contexto histórico-cultural da escola.	1 artigos;

As etapas para o procedimento analítico foram: leitura dos artigos, seleção dos textos e resumo. A partir das referidas leituras foram selecionados os textos e em seguida sistematização da leitura de acordo com o objeto de estudo. Analisamos um total (21) vinte e um artigos e selecionamos quatro artigos para análise.

Esse trabalho está dividido em quatro capítulos, a saber:

No capítulo 1º refletimos sobre a teoria de Vygotsky e sua relação com a afetividade.

No capítulo 2º destacamos, a teoria de Henri Wallon e suas contribuições para com a educação.

No capítulo 3º trabalhamos juntos ao olhar do educador Paulo Freire, sobre a relação afetiva entre o professor/aluno. Pontuamos implicações construtivas sobre a prática docente.

No 4º capítulo versamos fatos sobre a questão e contextualização da afetividade na escola, analisados nos artigos apresentados.

Nesses estudos buscamos analisar os discursos acerca da importância da afetividade na educação. Através dessa análise, pretendeu-se problematizar as ideias mais recorrentes envolvidas na caracterização e nas formulações explicativas para a temática em questão.

CAPÍTULO 1-ASPECTOS RELEVANTES SOBRE A TEORIA DE VYGOTSKY

1.1-A teoria de Vygotsky e sua relação com a afetividade.

Para Davis (2010), o trabalho de Vygotsky(1896-1934), permite um olhar especial ao desenvolvimento humano, que se baseia primeiramente na concepção de um organismo ativo, assim, o pensamento tende a ser construído diariamente, em um ambiente histórico, cuja, essência é social e cultural.

Nesta perspectiva Vygotskyana, partimos da relação e possibilidade, de que o indivíduo interage em um ambiente e seus objetos (componentes da sala de aula, o espaço físico) e o ambiente simbólico (a bagagem social dos alunos), são conhecimentos que são desenvolvidos pelas gerações anteriores e interagem no ambiente social, como: a escola.

Vygotsky ainda acredita na ideia de uma interação contínua entre as condições sociais e o biológico do comportamento humano, partindo das estruturas orgânicas elementares, determinada pelo amadurecimento das mesmas, formando outras e ainda bem mais complexas funções da mente humana, mas, isso depende das vivências e dos ambientes em que as crianças estão inseridas.

O ambiente social é um dos fatores fundamentais para a socialização, uma oferta de oportunidades para o desenvolvimento das crianças, neste pertencimento social, o biológico transforma-se em histórico, um processo em que a cultura é parte essencial da constituição da natureza humana, com isso, existe a necessidade dos sujeitos interagirem entre si, para a promoção de uma aprendizagem significativa que além do desenvolvimento dos sujeitos, também, permitam os afetos nas relações humana.

Conforme Santos (2007), Vygotsky utiliza de alguns pressupostos para sua teoria, esses versam em torno, do pensamento, linguagem e mediação cultural no processo de construção de significados, processo de internalização e o papel da escola na transmissão de conhecimento (formação de conceitos, cotidianos e científicos).

Para entendermos as postulações do produto dialético da teoria de Lev S. Vygotsky, temos, a conceituação da abordagem genética, a saber:

A relação entre o processo de desenvolvimento e a linguagem é central em sua obra. Sua posição é genética: procura compreender a gênese: isto é, a origem e o desenvolvimento dos processos psicológicos. Sua abordagem genética desdobra-se em quatro níveis: filogenético (desenvolvimento da espécie humana), sociogenético (história dos grupos sociais), ontogenético (desenvolvimento do indivíduo) e microgenético (desenvolvimento de aspectos específicos do repertório psicológico dos sujeitos- singularidades). (SANTOS, 2007 P. 1)

Recorrendo a Davis (2010), percebe-se a presença forte da forma como a fala vai sendo inserida e utilizada na interação social das crianças, com os adultos e com outras crianças com mais idade, favorecendo um papel relevante na sua formação e ainda é capaz de organizar o pensamento, abrangendo do mais simples ao mais complexo e possivelmente até o abstrato do indivíduo.

Portanto, sabe-se que o psiquê da criança, norteado pela fala e o comportamento dos mais velhos, aos poucos vão adquirindo a capacidade de auto corrigir-se, ocorrendo assim, um fomento das relações verbais, favorecendo às crianças, por meio desta relação social proporcionada pela ambiência. Com isso, podendo até mesmo ocorrer, uma interiorização de questões direcionadas pela verbalização, que proporcionada às crianças por outros integrantes, mais experientes, que também, atuam em um ambiente gerador de socialização, isto é: a escola.

Podemos entender que, o interior da criança é favorecido de forma progressista, pelo contato: afetivo, de aproximação e os norteamentos das relações sociais. Assim sendo, o que ela internaliza, através do contato realizado por meio da linguagem com a interação social, mostra a presença marcante de um desenvolvimento ativo, podendo provocar uma mudança, na percepção do saber da criança, através das interferências externas, que ocasionadas, por simbologia proporcionam o progresso dos indivíduos.

Sobre esse fato tão relevante na teoria de Vygotsky, Davis (2010), nos apresenta, a saber:

O processo de internalização é, ao contrário, um processo ativo, no qual a criança apropria-se do social de uma forma particular. Reside aí, na verdade, o papel estruturante do sujeito: interiorização e transformação interagem constantemente, de forma que o sujeito, ao mesmo tempo que se integra no social, é capaz de posicionar-se frente ao mesmo, ser um crítico e seu agente transformador. Assim, à medida que as crianças crescem, elas vão internalizando a ajuda externa que se torna cada vez menos necessária: a criança mantém agora, um controle sobre a própria conduta. (DAVIS.2010, p.57).

Percebemos, então que, a interação social, além de favorecer o sujeito em seu desenvolvimento individual, ela ainda, permite um grande progresso para o indivíduo na coletividade em questão, pois permitem que as crianças tornam-se cada vez mais independentes, autônomas e críticas, capazes de posicionar-se sobre determinados questionamentos, defendendo seus pontos de vistas e suas colocações, nos espaços de pertencimentos. Assim sendo, também transformarem suas próprias mentes.

Davis (2010), afirma que, no momento em que as crianças internalizam as instruções, elas transformam suas funções psicológicas: percepção, atenção, memória e habilidade para solucionar problemas. Assim sendo, a forma histórica definida e socialmente planejada para atuar com as informações que, influenciarão diretamente o indivíduo, como: a consciência sobre si mesmo, seu entorno e as formas que a criança encontra para interagir com esse mundo. Podendo modificar diretamente sua maneira de organização, planejamento e sua atuação como sujeito, frente a sua realidade e vivência.

Para Davis (2010), as funções mentais superiores, apresentadas pela teoria Vygotskyana, atuam como a habilidade que o sujeito possui para resolver problemas. O armazenamento e o uso da memória na formação de conceitos, o desenvolvimento do querer, surgem inicialmente no convívio e em sua relação interpessoal, surgindo após no psicológico.

Instrumentos e signos são construídos socialmente e definem quantas possibilidades são efetivadas e concretizadas ao longo do desenvolvimento. Na construção da realidade pela criança é a sua vivência social com o grupo, permitindo assim, através da interação social, a criança, a internalização das experiências vivenciadas.

As relações das pessoas (adultos e crianças) são na verdade uma forma, de que, os sujeitos apropriam-se para atingirem o fomento, usando-se do conhecimento que as experiências e o convívio social proporcionam, o indivíduo absorve as vivências internamente para o estabelecimento de contato afetivo e emocional, com outras pessoas e consigo mesmo, chegando com isso, a mobilização de tarefas diferentes para encontrarem uma solução para os conflitos.

Segundo Davis(2010), por ocasião da sociabilidade e interação que ocorre na escola, cabe ao educador nortear as crianças, para viverem experiências culturais. Os

professores confiam em suas capacidades de mediar e os estudantes assumem esse saber pronto. Contudo, se o educador não demonstrar afetividade face os obstáculos encontrados pelos alunos no processo de aprendizagem, pressupõe-se que não terão bases para as futuras gerações, e que outras pessoas precisaram para a construção e apropriação do pensamento sobre a vida no mundo.

Portanto, para mediar o conhecimento, o educador deverá estar preparado, pois, na escola é o momento em que ocorrem uma relação de confiabilidade entre os sujeitos. Os estudantes dependem de uma relação harmoniosa na escola, para romperem com as dificuldades encontradas no processo da aprendizagem, pois, a efetividade da base escolar, garantirá sucesso às próximas gerações.

Para Molon (2010), as funções psicológicas superiores são mediadas nas relações com outras pessoas, tendo a linguagem como instrumento e signo. Essas funções são favorecidas pela (ZDP) Zona de Desenvolvimento Proximal, que é a distância entre o nível de conhecimento real, determinado pela solução independente dos problemas,mas, sob a orientação do adulto ou de um sujeito mais vivido.

Essas funções existem pelas relações com outros sujeitos e suas experiências, nas suas construções históricas, sócio cultural e ainda são objetos da mediação.“As funções psicológicas superiores são as operações psicológicas qualitativamente novas e mais elevadas, como, por exemplo: linguagem, memória lógica, atenção voluntária, pensamento verbal, afetividade,etc”. (MOLON 2010, p. 90).

Entendemos que as funções psicológicas superiores são favorecidas pelo ambiente sociocultural, potencializando de acordo com,as experiências dos indivíduos vão se potencializando, ao passo em que são mediadas pelos professores, favorecendo a aprendizagem e compreensão dos alunos no meio em que estão inseridos, proporcionando uma relação compartilhada entre o adulto e as crianças, permitindo assim o desenvolvimento destes sujeitos.

Segundo Molon (2010), Vygotsky prioriza a esfera social tanto que, enfatiza o sujeito e suas relações com o meio em que está inserido. Nesta afirmação de concepção do sujeito em Vygotsky, sendo ele, um indivíduo interativo, o que permite que, através desta relação com outras pessoas, o sujeito constrói a si mesmo.

Ainda recorrendo a Molon (2010), o sujeito não é somente ativo ou apenas

passivo, mas, ele vai construindo-se nas relações com outras pessoas. Nesta relação de uma via de mão dupla (interpessoal e intrapessoal), o sujeito aparece como aquele ser que, apropria-se da linguagem e se constitui em uma relação eu-outro.

Partindo dessa perspectiva, pensamos que a interação social possui uma relevância significativa, pois além de favorecer o sujeito no progresso de sua relação com o outro, ela ainda permite que as pessoas socializem e vivenciam experiências juntos, proporcionando a esses sujeitos uma verdadeira conscientização de suas diferenças, emoções e afetividade, aprendendo a respeitar os seus próprios limites e também as outras pessoas.

Para Vygotsky (2010 apud WOLLZ, 2014, p.78), existe uma visão holística, ao fato de que, o grupo social desempenha uma função relevante na relação afetiva, seu papel social e cultural, torna-se essencial para o desenvolvimento da cognição nas crianças. Sua teoria ressalta a necessidade do desenvolvimento de uma psicologia inclusiva nos ambientes sociais e humanos.

Conforme Wollz (2014) Vygotsky afirma que, existe uma relação afetiva é relevante para o fomento da cognição das crianças. Sua teoria busca meios para transpassar o binômio natural/cultural através da mediação: a socialização das crianças que, pertencem a uma cultura, dão-se por sua atuação nas relações comuns interpessoais. Ainda assim, a ideia de mediação simbólica dá-se pelo fato de que como alguns elementos e instrumentos fazem parte do processo da sociabilidade.

Para a melhor compreensão sobre o tema, temos a exemplificação da autora, a saber:

Os elementos que elas adquirem como parte desse processo incluem linguagem, crença, normas, fatos, artefatos e modos de ação. Nesse contexto a sociedade fornece os instrumentos e ferramentas materiais e simbólicas que formam o desenvolvimento do pensamento. Portanto o processo cognitivo não pode estar separado das condições práticas da vida com as quais as crianças crescem. Ou seja, o pensamento não é visto como localizado na cabeça de um indivíduo, mas, como construído na interação, que é a atividade material e coletivamente construída e historicamente situada; a cultura é criada na atividade social. (WOLLZ, 2014, p.74).

Segundo Wollz (2014), Vygotsky assume que o indivíduo é um ser interativo, social e histórico, isto é; a linguagem é o pensamento humano tem origem social e a

cultura pertence ao desenvolvimento humano.

Para a autora, temos que compreender os sujeitos, a partir de sua realidade social e do mundo que se constrói; existe a necessidade investigativa de que os valores sociais são relevantes, a sua forma de ser do seu mundo. O instrumento necessário para essa relação é a linguagem, pois, ao apropriarmos da mesma, como instrumento de mediação e na apropriação de outros signos como instrumentos, permite-se o acesso ao mundo dos signos e a sua produção histórica.

Portanto, para que, a compreensão dos indivíduos seja eficaz, temos que partir de uma abordagem humanista, visando o sujeito de forma integral, um indivíduo que a todo momento interage com todos e tudo, percebendo-se mutualmente em toda sua relação com a ambiência, esse ser que, vivencia, as experiências de seu mundo e meio a qual pertence.

Segundo Davis (2010) Vygotsky afirma que, a aquisição da fala, reorganiza o pensamento da criança. A palavra falada permite a externalização do pensamento, favorecendo a atenção, memória e a sua imaginação. Até porque, a fala favorece a comunicação com o mundo exterior, permitindo a especificação do objeto e a diferenciação do mesmo. Por isso, existe a relevância da linguagem para externalizar o pensamento: a fala expressa a vivência diretamente do sujeito, servindo para nortear o comportamento da criança.

Desta forma podemos entender que Vygotsky assume que existe uma ligação entre o pensamento e a linguagem. A linguagem oral surge da união do pensamento, encadeando ao mesmo tempo e dando um salto na inteligência. Desta ligação surge o pensamento verbalizado, que não necessariamente, inclui todas as maneiras de pensamento e linguagem, como o caso da inteligência prática. As funções mentais superiores, permite a externalização do pensamento das crianças, assim elas podem usar de diferentes formas para entender os conflitos, e por isso, surgem a buscar incessantemente para solucioná-los.

Para Vygotsky (1968 apud DAVIS, 2010, p. 113) as oportunidades que as interações sociais favorecem e também permitem o progresso das crianças, são variadas, com destaque em sua teoria, ele apresenta a maneira como as interações sociais afetam o indivíduo, assim esse processo atinge diretamente o pensamento é o raciocínio.

Segundo Molon (2010), Vygotsky nos expõe que nas atividades das funções mentais superiores, não existem no domínio de uma única função, elas estão em harmonia, mas, em alguns momentos, uma função surge mais potencializada, por isso, sobressai entre as demais, porém, depende do momento, essa dinâmica.

Para entendermos melhor como ocorre o funcionamento das funções psicológicas, Molon (2010), apresenta como ocorre essa relação, a saber:

O sentimento, o pensamento e a vontade estão relacionados, assim como todas as funções psicológicas, ou seja, não existe uma função isolada, nem, um pensamento puro e nem um afeto sem alteração, mas sim interconexões funcionais permanentes na consciência, nas quais os sentimentos quando conscientes são atravessados pelos pensamentos, sendo que esses acontecem a partir dos e nos processos volitivos. (MOLON, 2010, p.91)

Segundo Vygotsky (1996 apud MOLON 2010, p.91) “a forma de pensar, que junto com o sistema de conceito, nos foi imposta pelo meio que nos rodeia, isso, também inclui, nossos sentimentos”.

Desta forma, entendemos que, a relação do pensamento e os sentimentos do sujeito, estão intimamente ligadas as suas relações sociais que, são impostas ao indivíduo para convívio na sociedade, através do estabelecimento de suas interações com outros sujeitos.

1.2-A importância da afetividade dentro da sala de aula

“Existe uma ação tendenciosa do ser humano para o contato e a interação interpessoal com o grupo, como uma forma de instinto. A criança dispõe de uma inclinação para a interação com outras pessoas”. (DAVIS, 2010, p. 68)

Ainda recorrendo a autora, o olhar sócio interacionista de Vygotsky, traz valiosas referências para a prática pedagógica. Quando levamos em conta de que o aluno constrói novos saberes e formas de pensamento, a escola enfatiza o processo de ensino-aprendizagem dos estudantes. Não importa que os discentes saibam apenas coisas, mas o que eles pensem sobre elas. Objetivando não somente oportunizar verdades concretas, mas favorecê-los a elaborar uma aprendizagem com eficiência.

Partimos de uma perspectiva Vygotskyana na educação de abordagem construtivista, a preocupação com a forma de ensinar passa a ser tão importante, quanto o currículo, isto é: conteúdo a ser ensinado. Por isso teremos a intensificação das relações, o que diz respeito aos aspectos de interações sociais como o estado afetivo e emocionais, dos alunos e também dos professores. Este por sua vez atuando com a dinâmica de sua prática pedagógica flexível, envolvendo os discentes a um ambiente facilitador no processo de ensino-aprendizagem.

Ensejando um fortalecimento e impacto transformador nas relações afetivas entre os professores e os alunos, buscamos uma explanação teórica sobre a relevância do afeto dentro da escola, como uma ferramenta indissociável na prática pedagógica:

Na interação professor- alunos, supõe-se que o primeiro ajude inicialmente os segundos na tarefa de aprender, porque essa ajuda logo lhes possibilitará pensar com autonomia. Para aprender, o aluno precisa ter ao seu lado alguém que o perceba, nos diferentes momentos da situação de aprendizagem e que lhe responda de forma a ajudá-lo a evoluir no processo, alcançando um nível mais elevado de conhecimento. Por meio da interação que se estabelece entre eles e esse parceiro mais experiente e sensível- o professor ou um colega-, o aluno vai construindo novos conhecimentos, habilidades e significações. (DAVIS, 2010, p.113).

Vimos que, faz-se necessária a presença da afetividade dentro da escola, pois a partir da interação entre o educador e a turma, pode-se almejar o fomento dos mesmos. O olhar de sensibilidade do educador permitirá que os educandos se sintam seguros e com isso, possibilitará a construção do conhecimento e seus processos significativos para a vida.

O professor é um mediador competente entre, o aluno e o conhecimento, alguém que deve criar situações de aprendizagem, que provoque desafio intelectual. Seu papel de interlocutor, que assinala, orienta e coordena? (DAVIS, 2010, p.114).

Davis(2010) afirma que são nas relações dos sujeitos com os espaços físicos e com outros indivíduos, que se estabelecem os sentimentos. O vínculo entre a afetividade e a aprendizagem permanece presente em tudo que acontece nas interações sociais e esse elo molda as ações praticadas pelos sujeitos. A afetividade pode ser compreendida como uma mola percussora do conhecimento, tornando potencializadores na busca pelos saberes, favorecendo assim a aprendizagem.

Podemos entender que o afeto está presente em tudo que fazemos, também na relação da interação com outros sujeitos, pois à medida que essas vivências acontecem dentro da sala de aula e até mesmo fora dela, como na integração com outras turmas, a afetividade tende a favorecer a aprendizagem dos atores na escola.

Concluimos que, o afeto poderá contribuir nas escolhas dos sujeitos, na medida em que as relações de sociabilidade acontecem, os estudantes vão fazendo suas escolhas. Também, nota-se a presença da afetividade, quando tratamos de agregação de valores, relacionados ao ambiente com grupo em que se está inserido.

Davis (2010) ainda nos afirma que a afetividade encadeia as atitudes dos sujeitos, contribuindo para suas escolhas e o devido valor que atribui a elas. Assim, os sentimentos estimulam os sujeitos na aproximação ou no distanciamento de determinadas pessoas ou situações. A afetividade é uma forma inclusiva da manifestação de linguagem. Assim como, as manifestações das emoções poderão externalizar afetos, também, as expressões com gestos, possuem poder de linguagem falada.

Percebemos que, o processo de ensino-aprendizagem, está buscando a forma harmoniosa, para executar o seu papel de fio condutor do conhecimento tendo como parceiro, o afeto. Até porque, as relações de afeto tendem a afirmação, com isso, as experiências vividas pelos docentes e discentes dentro da sala de aula são experiências positivas no período escolar. Na prática docente, o educador sensível poderá utilizar a afetividade, como instrumento pedagógico, para atingir o ápice do conhecimento dos estudantes.

Para conscientizarmos de que, o afeto pode ser visto como uma ferramenta pedagógica tão relevante, temos, pois, a exemplificação de como é fundamental para a aprendizagem que essa relação tenha ambiência e eficácia, a saber:

Na interação que o professor e aluno estabelecem na escola, os fatores afetivos e cognitivos de ambos exercem influência decisiva. Na interação, cada parceiro busca o atendimento de alguns dos seus desejos: de proteção, de subordinação, de realização etc. Por meio dela, tanto os alunos quanto o professor vão construindo imagens do seu interlocutor, atribuindo-lhes determinadas características, intenções e significados. Cria-se, assim, uma rede de expectativa recíprocas entre o professor e alunos, que pode ser ou não harmoniosa. (DAVIS 2010, p.106).

Podemos então, conscientizarmos de que o afeto é um elemento de suma importância e crucial para a prática pedagógica, pois assim como o ensino-aprendizagem depende da interação do educador com o grupo para que os alunos alcancem o progresso, a afetividade deverá permanecer no curso do trabalho, permitindo por sua vez uma brecha facilitadora para o conhecimento.

CAPÍTULO 2- A VISÃO DE HENRI WALLON SOBRE A AFETIVIDADE.

2.1-A teoria de Henri Wallon e suas contribuições

A afetividade segundo Wallon, refere-se à capacidade do ser humano de ser afetado positiva ou negativamente tanto por sensações internas como externas. A afetividade é um dos conjuntos funcionais da pessoa e atua, juntamente com a cognição e o ato motor, no processo de desenvolvimento e construção do conhecimento. (SALLA,2011)

A afetividade é fundamental, como contribuição para o desenvolvimento humano. Ela é responsável pela coragem, motivação, interesse e por sensações que através do afeto, sabemos se algo é verdadeiro ou não. Para os pequenos a afetividade é importantíssima, pois, existe a necessidade de segurança para proporcionar a aprendizagem. O educador deverá ter a consciência de que sua participação seja significativa e atuante no processo, porque o contexto existente entre educador-aluno é norteado pela afetividade, suas emoções são produtos da inteligência do sujeito. (WALLON, 1995 apud SILVEIRA, 2014, p. 2).

Entende-se que, faz-se útil a presença da afetividade na escola, pois ela atua como coautora na construção do sujeito e no processo de desenvolvimento do ensino-aprendizagem. O afeto permeia as relações dentro da sala de aula, favorecendo os alunos no controle e na dosagem das emoções, dando lugar as experiências e atuando como ferramenta essencial que, juntamente com a ambiência atravessa o indivíduo na construção do conhecimento.

O teórico Henri Wallon (1879-1962) afirma que o desenvolvimento humano é produto do progresso obtido, pelas fases em que se mantêm a alternância entre a afetividade e a cognição. “Nesta fase cada etapa possui um colorido peculiar, que se mantêm por alguma ação, na medida em que os recursos são oferecidos para as crianças, elas vão se relacionando com o meio social”. (GALVÃO, 1995, p. 43)

Nestas sucessões de fases, entendemos que ocorre uma alternância entre as formas de atividades e os interesses das crianças, onde cada fase de domínio entre a afetividade e a cognição, sobrepõe-se a outra fase, incorporando-se e construindo-se mutuamente, em um processo que se diferencia e integra ao mesmo tempo.

Para melhor compreensão sobre a teoria de Wallon, acompanharemos a exemplificação dos estágios de desenvolvimento da criança, a saber:

No estágio impulsivo emocional, que abrange o o primeiro ano de vida, o colorido peculiar é dado pela emoção, instrumento privilegiado de interação da criança com o meio. Resposta de seu estado de imperícia, a predominância da afetividade orienta as primeiras reações do bebê às pessoas, as quais intermediam sua relação com o mundo físico; a exuberância de suas manifestações afetivas é diretamente proporcional a sua inaptidão para agir diretamente sobre a realidade exterior.No estágio sensório-motor e projetivo, que vai até o terceiro ano, o interesse da criança se volta para a exploração sensório-motora do mundo físico. A aquisição da marcha e da preensão possibilitam-lhe maior autonomia na manipulação de objetos e na exploração de espaços. Outro marco fundamental deste estágio e o desenvolvimento da função simbólica e da linguagem. O termo “projetivo” empregado para nomear o estágio deve-se à característica do funcionamento mental neste período: ainda nascente, o pensamento precisa do auxílio dos gestos para se externalizar, o ato mental “projeta-se” em atos motores. Ao contrário do estágio anterior, neste predominam as relações cognitivas com o meio(inteligência prática e simbólica).No estágio do personalismo, que cobre a faixa dos três aos seis anos, a tarefa central é o processo de formação da personalidade. A construção da consciência de si, que se dá por meio das interações sociais, reorienta o interesse da criança para as pessoas, definindo o retorno da predominância das relações afetivas.Por volta dos seis anos, inicia-se o estágio categorial. Que, graças à consolidação da função simbólica e à diferenciação da personalidade realizada nos estágios anteriores, traz importantes avanços no plano da inteligência. Os progressos intelectuais dirigem o interesse da criança para as coisas, para o conhecimento e conquista do mundo exterior, imprimindo às suas relações com o meio preponderância do aspecto cognitivo. (GALVÃO1995, p, 43-44).

Diante da exposição dos estágios, entendemos que a afetividade está relacionada à construção da cognição, também, percebemos que, em alguns momentos são absolutamente movidos pela afetividade e outros são sucedidos pela cognição.Assim,quando, os estágios estão diante da exposição dos estágios, entendemos que a afetividade está relacionada à construção da cognição, também, percebemos que, em alguns momentos são absolutamente movidos pela afetividade e outros são sucedidos pela cognição.Assim,quando, os estágios estão em predominância especificamente intelectual, refere-se ao fato de que, a existência da preparação da realidade e do saber do sujeito, e quando existe a predominância da afetividade, seguem-se as relações dos indivíduos sobre um mundo especificamente humano, sua realidade em questão.

Para Galvão (1995) a relação dos estágios do desenvolvimento da teoria de Wallon,estão em sincronia de uma alternância funcional, na medida em que a afetividade e a cognição estão em sintonia. Cada uma delas, em seu momento,

apropriando-se das ações produzidas pela outra no estágio antecedente, integrando-se e diferenciando-se preponderantemente.

Percebemos que, a sincronia entre os desenvolvimentos do indivíduo, dá-se ao resultado da alternância harmoniosa dos estágios, entre as fases do desenvolvimento humano, por isso temos as funções mais desenvolvidas. Enquanto a afetividade está em um estágio dominante, a cognição por sua vez está preparando-se a incorporação e agregação dos progressos para a chegada de seu momento atuante.

Segundo Galvão(1995), na teoria de Wallon, cada estágio trabalha-se com suas diferenciações, pois, procedem o desenvolvimento da criança. No primeiro estágio a psicogênese, exerce uma afetividade movida por impulsos, emoções, que é alimentado por olhares e também pelo contato, gesticulação, corpo e movimentos. Já na afetividade do personalismo, temos outra disposição para tratar essa fase, difere-se do estágio antecedente, pois, são apropriados os instrumentos cognitivos (fala) que se desenvolvem na medida em que a criança avança para o estágio sensorio motor e projetivo, dando lugar a uma afetividade simbólica, externalizada pela fala e pensamento. Na medida em que ocorre as trocas de afetos, acontecem a alimentação dos sentimentos, deste ponto em diante, ocorre a integração ou o distanciamento das pessoas.

Percebemos a diferenciação e as características predominantes em cada fase da psicogênese, dando lugar ao desenvolvimento da criança e seus progressos, a linguagem é integrada na sociabilidade e na relação com o outro. Ela também passa a ser compreendida pelo indivíduo como um grande avanço, pois, com a fala pode-se comunicar a simbologia afetiva dos pensamentos. Após isso, temos a puberdade, onde o sujeito encontra-se em uma enorme indecisão sobre o que significa esta troca de afetos e como ele poderá se relacionar uma plena e harmoniosa convivência, em suas relações sociais.

O autor é um estudioso da psicogênese, entendemos que em sua teoria é possível que as evidências de afetividade favoreçam a aprendizagem, mas isso também depende da forma como é conduzido esse ensino, para a efetivação de uma harmoniosa troca de saberes.

Segundo Wallon (1986 apud ALMEIDA,1999, p.23), a afetividade e a inteligência formam a personalidade da criança. Elas estão em uma linha que se

diferença, percorrem um caminho com equilíbrio e encontram-se potencializam-se sobrepondo-se uma a outra na medida em que for necessário. A afetividade está ligada ao interior do sujeito, sua sensibilidade voltada para o mundo, trabalhando em prol da construção do sujeito. Enquanto a inteligência está ligada ao externo do sujeito, volta-se para a realidade física do mundo, atuando na construção do objeto. Ambas não chegam prontas ao indivíduo, elas progridem de acordo com desenvolvimento do sujeito.”Tanto a inteligência como a afetividade são mecanismo de adaptação. Permitem ao indivíduo construir noções sobre os objetos, as pessoas e as situações, conferindo-lhes atributos, qualidades e valores”.(DAVIS,2010).

Percebemos que existe uma relevância acentuada, tanto para a afetividade quanto para a inteligência, ambas atuando em simbiose para que o sujeito possa se desenvolver. Na medida que, o afeto agindo sobre o interior do indivíduo e a inteligência atuando sobre o exterior, ambas contribuindo para a formação da identidade do sujeito.

Segundo Galvão (1995), as contribuições da teoria de Henri Wallon são inúmeras no que diz respeito a educação. Nas suas ideias pedagógicas, o autor diz que a escola deve pensar suas esferas social e política de forma que atue significativamente com seu papel no progresso da sociedade. Ele ainda sugere que a escola seja comprometida com o meio cultural /social e ao mesmo tempo atuante e empenhada com o crescimento do sujeito em uma prática pedagógica que atue na relação social e individual.

Diante das contribuições do autor, também admitimos, ressaltando o papel do educador, como essencial no desenvolvimento do aluno na escola, de forma integral. Surge a escola promotora de saúde, nordeada por um caminho que, vai contribuir para um planejamento flexivo e efetivo, visando o desenvolvimento do sujeito, dedicando-se também, na organização da ambiência escolar. “Destacando o papel do meio social no desenvolvimento infantil, concebe a escola como meio promotor de desenvolvimento, indicando direções para a organização do ambiente escolar”. (GALVÃO,1995, p.114).

2.2 - A afetividade e a sua relação com o ensino-aprendizagem.

Quando buscamos relações em tudo que fazemos, deparamos com a interação do objeto e outros sujeitos, encontramos no meio desta socialização a figura do afeto. A afetividade e a inteligência estão presentes em todas as atividades, mas, de forma que, são dosadas de acordo com a necessidade. O afeto trabalha de forma harmoniosa para que a cognição alcance o desenvolvimento esperado para sua operacionalidade, proporcionando a resolutividade e segurança para o sucesso e eficácia do ensino-aprendizagem. (DAVIS, 2010).

Entendemos que o afeto é um dos instrumentos que dentro da sala de aula flui para que o ensino- aprendizagem seja efetivado, favorecendo o aluno e o professor neste contexto. A afetividade pode ser entendida com um combustível que a inteligência precisa para trabalhar de forma potencializadora. Assim sendo, acreditamos que, a ambiência com afeto, favorece a aprendizagem de que os sujeitos precisam.

As possíveis relações na escola permitem o crescimento dos alunos e até mesmo do educador, por serem sujeitos em construção, necessitam destes momentos de fluidez. “Para que a interação professor-alunos, possam levar a construção de conhecimentos, a interpretação que o professor faz do comportamento dos alunos é fundamental.” (DAVIS, 2010).

Para Galvão (1995) cabe ao educador a interação dos alunos que deverá ser favorecida pela afetividade. As funções intelectuais vão sendo apropriadas no importante progresso em relação ao meio social. Essas funções inteligentes têm como ferramenta indispensável a linguagem e isso depende fundamentalmente do meio social em que estão inseridas. Com a apropriação da linguagem pelos estudantes adquirida, a afetividade está ligada as interações sociais que possibilitam acesso ao mundo simbólico e cultural.

Partindo desta perspectiva, entendemos que a afetividade é um dos fatores que mais contribuem com o processo de ensino-aprendizagem dentro da escola, pois, com o afeto percebemos que além da aprendizagem, a afetividade também juntamente com o diálogo que, favorecido pela linguagem, contribui com a relação, dos docentes e discente para a comunicação e o intercambio social.

A afetividade e a linguagem estão em conexão para favorecer a inteligência. O afeto está presente no meio social e nas interações com o grupo. Entre pensamento e linguagem existe uma relação de reciprocidade: a linguagem exprime o pensamento, ao mesmo tempo em que, age como estruturadora do mesmo. (GALVÃO, 1995).

Para Galvão(1995) a origem do desenvolvimento, sugere reflexão sobre a prática pedagógica para que atenda as crianças de forma integral: na esfera afetiva, cognitiva e motora. Uma pedagogia com base na psicogênese não trata a esfera intelectual como o ponto áps e único da educação, mas, uma maneira para um grande desenvolvimento da pessoa.

Entendemos que, o processo de inteligência é um dos caminhos referenciados e percorridos, pela pedagogia da psicogenética de Henri Wallon, mas, não é exclusivo, pois, todo o processo é importante para o desenvolvimento da criança de forma completa. “Da psicogenética Walloniana não resulta, todavia, uma pedagogia meramente conteudista, limitada a propiciar a passiva incorporação de elementos da cultura pelo sujeito” (GALVÃO,1995).

Assim sendo, nos conscientizamos de forma que, na teoria de Henri Wallon, não está somente embutido a importância de trabalhar com o currículo da escola, mas, sim com toda realidade vivida e trazida pelo aluno em sua bagagem social.

Para melhor compreensão e explanação do tema, sobre a teoria psicogenética de Wallon, temos:

A interdependência que a teoria identifica entre o desenvolvimento intelectual e o conhecimento inspira uma pedagogia que os conteúdos de ensino têm o papel importante. Ciente de que os progressos do pensamento se devem em grande parte ao crescente domínio do sistema semiótico e que a capacidade de diferenciação é poderosamente auxiliada pela apropriação das diferenciações elaboradas pela cultura cristalizadas nos sistemas simbólicos, particularmente no código linguístico, a linguagem, a pedagogia walloniana não se furta a transmitir conteúdos. A diferenciação que a criança faz, ou que a capta, já realizada na língua, são ambas aceitáveis. O uso preciso e ordenado das palavras é entendido como manifestação da eficiência e do rigor do próprio processo mental. Longe de desprezar a aprendizagem linguística, ela a considera um poderoso auxiliar no progresso do pensamento. (GALVÃO 1995, p. 99).

Consideramos ainda que todo o processo de aprendizagem está minimamente ligado ao conteúdo, prática, linguagem e a experiência de cada um, ressaltando que será

considerado relevante as diferenciações culturais, no que diz respeito à realidade destes, para que o desenvolvimento dos alunos, possam ser alcançados com eficácia.

Para Tassoni (2000) todo o processo de ensino-aprendizagem está relacionado à afetividade, a rede que permeiam os estudantes, professores, conteúdos, livros, leitura e escrita, não acontece puramente na esfera cognitiva, mas também, nas bases afetivas que norteiam essas relações.

Vimos que as vivências em sala de aula vai muito além do currículo, elas são permeadas por acontecimentos de base afetiva e toda a relação do sujeito com o objeto. Nas ambiências em que os estudantes estão inseridos, percebemos que é nas relações interpessoais e intrapessoais que, os indivíduos desenvolvem-se e apropriam-se da autonomia para a construção do sujeito, da sua identidade e da sua própria história.

CAPÍTULO. 3 - O OLHAR DE PAULO FREIRE SOBRE A RELAÇÃO AFETIVA ENTRE PROFESSOR/ALUNO.

3.1- A relevância da afetividade segundo Paulo Freire

Para Freire (2009), a relação docente/discente é de suma importância para a ação docente. Ela não deverá ser trabalhada isolada de forma que, o exercício da sua prática na esfera da cognição, deverá ser realizado com o valor imprescindível dos sentimentos que os envolvam, como: emoções, sensibilidade, afetividade, intuição ou adivinhação.

O autor nos afirma, que uma prática educativo-crítica é aquela que é favorecida pela relação dos educandos entre si e com o professor, atuando na vivência íntima dos sujeitos, ao declarar-se conscientemente como indivíduos sociais e históricos, interagindo com outros sujeitos e suas emoções, transformando-se em seres pensantes e críticos.

Portanto, sabemos que para a eficácia de uma prática pedagógica significativa, o professor deverá trabalhar para além dos conteúdos didáticos, pois, a medida que, esses conhecimentos são inseridos nas aulas, os estudantes vão constituindo-se como sujeitos e cidadãos atuantes.

Freire(2009) afirma a importância dos elementos afetivos na construção do conhecimento, ele nos orienta que devemos evitar o medo dos nossos sentimentos, as nossas emoções e dos nossos desejos. O autor ainda salienta, sobre o que realmente sabemos sobre o corpo, a mente e os sentimentos e a sua relação com a intuição e com as emoções. Com isso, o professor ainda diz que o afeto é realmente um fator relevante para o desenvolvimento, e é na relação com o outro, que o sujeito consegue delimitar-se como cidadão e manter esse processo em permanente construção.

O autor, ainda dá ênfase à afetividade entre o professor/aluno quando nos afirma sobre a relevância dos pequenos gestos, olhares e palavras na sala de aula, dando lugar a uma relação de confiança e o respeito mútuo. Freire (2009).

Entendemos que a relação de sociabilidade, favorece o afeto entre educador/educando, transcendem a prática educativa, levando os atores da sala de aula a um envolvimento com a afetividade superior ao que se possa imaginar, com isso, favorecendo ao ensino-aprendizagem.

Às vezes mal se imagina o que pode passar a representar um simples gesto de um professor. O que pode um gesto aparentemente insignificante valer como força formadora ou como contribuição a do educando sobre si mesmo. (FREIRE, 2009, p.42).

Para consolidação do pensamento Freiriano concluímos que os educadores deverão estar conscientes, ao ponto para rever suas práticas docentes, pois grande é a sua responsabilidade para com os educandos.

A arte de educar permeia as relações humanas e a própria saúde dos estudantes, isto é, a saúde emocional dos alunos. Saúde está que poderá afetar um corpo inteiro(físico/biológico/psicológico).Ela está inserida na escola, à medida que,existe a conscientização de que uma pequena gesticulação do educador,poderá transformar um sujeito inteiro, na sua formação para a vida, no conhecimento e no mundo. Esses atores que acontecem na escola,estão nos detalhes e permanecem intimamente ligados por um vínculo, que é sua formação. Afinal, o que é o educador sem os educandos? O que é a escola sem os alunos?

Assim sendo, percebe-se a necessidade de os docentes refletirem sobre os saberes que serão alicerces para toda vida destes alunos.Os professores deverão estar abertos ao questionamento de seu saber e da sua prática pedagógica para permitir que os alunos cresçam e se tornem cidadãos conscientes.

Conforme Freire(1993,apud ANDRADE, 2010,p.8), cabe ao professor observar a si próprio; o olhar para o mundo, olhar para si e sugerir que os alunos façam o mesmo e não apenas ensinar regras, teorias e cálculos.

Segundo Andrade (2010), o professor deve transformar-se em um mediador de conhecimento, aproveitando da sua posição de destaque dentro da escola, para estimular aos alunos curiosidade para pensar, sonhar, respeitar e aceitar o próximo, também sentir-se convidado a experimentar o novo e a escrever sua própria história.

Contudo, sabemos que necessário se faz a existência da seriedade com a relação afetiva existente dentro de um ambiente escolar, sendo ela permitida em um acolhimento, por suas relações com o aluno, com auxílio de uma escuta sensível que o educador poderá adotar,diante da peculiaridade de cada discente.

O professor deverá ser um exemplo para os estudantes. Um educador

pesquisador e estudioso, estimulará o grupo ao mesmo pensamento e conduta, com isso, não somente o docente, mas, toda à escola deverá ser atrativa, um local de paz e afeto, para a realização de experiências que favoreceram as relações saudáveis desses atores. No contexto escolar, muitos estudantes, tem muitas vezes, sede de conhecimento do mundo, apenas pela ambiência harmoniosa e prazerosa, favorecida e vivenciada dentro da sala de aula.

Essa relação harmoniosa favorecida pela afetividade no espaço escolar, permitirá aos educandos se assumirem como cidadãos conscientes e facilitará a ação do docente, em sua prática pedagógica. Paulo Freire (2006) nos ensina que:

O bom educador é o que consegue enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento no meu pensamento. Sua aula é assim, um desafio e não uma cantiga de ninar. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem com suas pausas, suas dúvidas e suas incertezas. (FREIRE 2006, p.96).

Assim sendo, compreendemos que, o educador poderá responder à altura das expectativas desses estudantes, seja na descoberta do saber, do conhecimento ou nas experiências vivenciadas que, atuando dentro da sala de aula como afetos, provocando a esses sujeitos um desejo de mudança, relacionando-se com o grupo no todo, permitindo a transformação de suas mentes e corações, possibilitando a esses sujeitos a participarem desses saberes, extramuros da escola.

Paulo Freire afirma a necessidade do diálogo na educação, a maneira do cuidar com amor, como forma de compromisso entre os homens e a sociedade, favorecendo a empatia entre o professor e o aluno, dando ênfase na relação afetiva e respeitosa entre os indivíduos nas relações humanas, e mais, a apreciação a interação social por meio de um amor dialógico, pois, “sendo o fundamento para o diálogo, o amor é, também, diálogo. Daí que seja essencialmente tarefa de sujeitos e que não possa verificar-se na relação de dominação”. (FREIRE, 1987).

3.2- Educar com afetividade: uma ferramenta da prática pedagógica

Conforme Freire (2009), é nas relações de educador/educando e com a pedagogia, que não se parte do fato em que se conquista, ou seja, de fato conquistado, mas, sim a partir do respeito e de suas especificidades e que o professor poderá construir sua prática. Entre a coerência ao que se fala e faz ambos encontram-se, uma prática educativa dialógica, também e na segurança da sua disponibilidade real, que, conforme a necessidade de cada aluno, o educador poderá se encontrar, isto é: se esse educador acreditar no diálogo como um fenômeno humano, capaz de mobilizar o refletir e o agir dos sujeitos.

Entendemos que quando estamos disponíveis ao aluno, permitimos a transparência da segurança em nossa prática pedagógica, que é favorecida pelo encontro, isto é: o contato do educador/educando é o canal para que ambos cresçam e alcancem o fomento.

Freire(2009) ainda afirma que a segurança se alicerça no saber confirmado pela própria experiência de um processo e se abre ao outro no caminho para conhecer e mais:

Me sinto seguro, porque, não há razão para me envergonhar por desconhecer algo. Testemunhar a abertura aos outros, a disponibilidade curiosa à vida, a seus desafios, são saberes necessários à prática educativa. Viver a abertura respeitosa aos outros e, de quando em vez, de acordo com o momento, tomar a própria prática de abertura ao outro como o objeto de reflexão crítica, deveria fazer parte da aventura docente(FREIRE,2009, p. 135-136).

Podemos entender que a visão do mundo do educador está ligada ao seu relacionamento afetivo com o educando, que é, um grande incentivador para a curiosidade do professor, e como a relação com essa experiência pode favorecer o crescimento de ambos, dentro e fora da escola.

Paulo Freire (1987) mostra que a parceria entre o educadores e os educandos são fundamentais para as construções de saberes,crescimento dos sujeitos e para o conhecimento de ambos, a saber:

Podemos entender que a visão do mundo do educador está ligada ao seu relacionamento afetivo com o educando, que é, um grande incentivador para a curiosidade do professor, e como a relação com essa experiência pode favorecer o

crescimento de ambos, dentro e fora da escola.

Paulo Freire (1987) mostra que a parceria entre o educadores e os educandos são fundamentais para as construções de saberes, crescimento dos sujeitos e para o conhecimento de ambos, a saber:

A autossuficiência é incompatível com o diálogo. Os homens que não tem humildade ou a perdem, não podem aproximar-se do povo. Não podem ser seus companheiros de pronúncia do mundo. Se alguém não é capaz de sentir-se e saber-se tão homem quanto os outros, é que lhe falta ainda muito que caminhar, para chegar ao lugar de encontro com eles. Neste lugar de encontro, não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há homens que, em comunhão, buscam saber mais. (FREIRE, 1987, p. 47).

Ainda, recorrendo a Freire, (2009 pág.136), temos as informações de que “o sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma com inquietação e curiosidade, como in-conclusão permanente movimento da história”.

Mesmo que não existam dúvidas sobre as condições e recursos que vivem os alunos, poderemos condicionar a consciência de seus próprios mundos, sua capacidade de cognição e aprendizagem, seria como uma resposta a própria vida dos estudantes, para superar os desafios.

Podemos entender de forma mais ampla, a necessidade da escola ter por objetivos a formação de cidadãos, pois os indivíduos costumam viverem ambientes que proporcionam trocas. A escola deve ser, pois, capaz de reproduzir um ambiente de sociabilidade, porém sua objetividade deverá ser maior que, somente a possibilidade de um espaço propício à interação para os estudantes. A escola também deverá oferecer uma formação cognitiva do conteúdo crítico, com base humanista, capaz de mediar competências individuais e coletivas, para o favorecimento de uma cidadania ativa, participativa e reivindicadora. Para alcançar essa eficácia é fundamental a compreensão do ambiente em que vivem esses alunos, tratando-os com afetividade sobre suas realidades locais e, se possível, agregando valores, apropriando-se das bagagens sociais e contribuindo para a democratização da escola, com o processo de avaliação da aprendizagem, desses universos reais.

Segundo Freire (2009) o educador não precisa tornar-se completamente íntimo da forma de ser dos alunos, mas, menos estranho as relações de vida que eles levam,

pois assim, por conhecer a realidade em que vivem, perceberam que não é uma questão de espaço e território, mas, e a realidade do nível de visão do educador, que referem-se à educação para os educando, como um direito.

Percebemos que, existe uma necessidade de aproximação, entre o educador e o educando, não necessariamente de ordem visceral, mas, um educador, que trabalha com uma conduta cuidadosa, uma relação afetivamente transformadora, partindo do princípio de uma visão holística, percebendo o indivíduo de forma integral, assim sendo, capaz de provocar nos alunos uma curiosidade epistemológica.

Sobre a perspectiva do autor, ainda podemos perceber tamanha sensibilidade ao tratar da realidade vivida pelos estudantes.

O saber alicerçante da travessia na busca pela diminuição da distância entre mim e a perversa realidade dos explorados é o saber fundado na ética de que nada legitima a exploração dos homens e das mulheres pelos homens mesmos ou pelas mulheres. Mas, este saber não basta. Em primeiro lugar, é preciso que ele seja permanentemente tocado e empurrado por uma calorosa paixão o que faz quase um saber arrebatado. (FREIRE,2009, p.138)

Concluimos que não é apenas o conhecimento que nos move, que é responsável pela busca do saber, ainda temos que despertar em nossos alunos o amor pelo desenvolvimento destesaber, para que eles consigam superar os desafios e as dificuldades encontradas.

A pedagogia freiriana (2009), nos fala sobre a necessidade de estarmos sempre abertos a fazer o bem para nossos alunos. A intrepidez para fazer o bem, por vezes é a nossa própria prática pedagógica. Essa postura não é obrigatória a todos os professores e nem a todos os alunos de maneira igualitária, mas sim, na medida que, forem surgindo as necessidades de intervenção.

Ainda recorrendo ao autor, o educador não deve temer ao sentimento da afetividade, pois esse querer bem é a forma externalizada, que temos para demonstrar a responsabilidade em uma prática inerente do ser humano.

Ensinar e aprender são situações fundamentais na vida das pessoas, para tanto, devemos estar abertos a esse processo de ensino-aprendizagem. A afetividade poderá ser utilizada como uma ferramenta na escola, isto é: uma aliada e facilitadora da

educação nas escolas. Como instrumento o afeto poderá ser incluído na prática pedagógica e percorrer todo o ambiente escolar, para que, sua efetividade seja completa.

“A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade. O que não posso obviamente permitir é que minha afetividade interfira no cumprimento ético de meu dever de professor no exercício de minha autoridade” (FREIRE, 2009).

Para a consolidação do nosso pensamento com Paulo Freire, percebemos a importância da figura de um educador que, usa-se como metodologia e didática a afetividade, não deixando, por isso, de ser um cidadão ético, atuante em uma prática pedagógica, pautadas na compreensão do diálogo, no amor e no carinho. Um professor completamente envolvido com a relação afetiva que permeia a educação e proporciona progresso aos homens:

Como ato de valentia, não pode ser piegas; como ato de liberdade, não pode ser pretexto para manipulação, senão gerador de outros atos de liberdade. A não ser assim não pode ser amor. Como posso dialogar, se me fecho à contribuição dos outros, que jamais reconheço, e até mesmo me sinto ofendido com ela? Como posso dialogar se temo a superação e se, só em pensar nela, sofro e definho? Não há diálogo, se não há uma intensa fé nos homens. Fé no seu poder de fazer e de desfazer. De criar e recriar. Fé na sua vocação de ser mais, que não é privilégio de alguns eleitos, mas direitos dos homens. (FREIRE 1987, p. 80-81)

Entendemos que, apesar de, sermos educadores necessitamos estar movidos de amor, sensibilidade e afetividade, precisamos de cuidados para trabalharmos de forma justa, avaliando a aprendizagem com ética, dosando o nível de afetividade de acordo com a necessidade de cada um dos atores da escola inseridos no grupo, sem que, essa relação afetiva, impeça de atuarmos de forma ética no cumprimento nossa da docência.

CAPÍTULO. 4 - ANÁLISES DOS TEXTOS SOBRE AFETIVIDADE NA ESCOLA

4.1- A mediação da educação através da afetividade

Segundo Emiliano, Tomás (2015) o educador que trabalha com a mediação da educação pelo afeto, precisa saber lidar com as emoções dos alunos de forma positiva, para garantir o sucesso que se pretende na esfera cognitiva.

“Apropriando-se das concepções Vygotskyana, a mediação na educação é o processo de relação entre o sujeito e o mundo, e outros sujeitos, através da interação social.” (TASSONI, 2000).

Diante das informações apresentadas, entendemos que a ideia de interação social e mediação é o ponto central do processo educativo. O desenvolvimento do aluno depende da forma como ele se apropria do conhecimento, por meio da interação mediada pelo educador, fazendo uso da afetividade como um instrumento utilizado na prática pedagógica, dentro do espaço escolar.

Para Tassoni (2000) é na apropriação do aluno pelas práticas culturalmente estabelecidas, que ele vai evoluindo dos pensamentos elementares para os mais abstratos, isso o ajudará a conhecer e controlar a sua realidade. Para isso, os educadores nos processos educacionais mediados, deveram estar atentos, pois agem na construção do sujeito e nas suas diversas formas de agir.

Percebemos nas informações supracitadas que, a importância da responsabilidade do educador em sala de aula, também, vimos a que atuação do educador é de suma importância, já que ele exerce o papel de mediador da aprendizagem do aluno. Ele deverá conhecer bem cada um de seus alunos, conforme suas peculiaridades, para assim, poder atuar com uma prática pedagógica humanística mediada com afeto.

Seguindo as teorias de Vygotsky, as zonas de Desenvolvimento proximal dos alunos, são uma importante ferramenta nas mãos dos

professores, pois, reconhece o desenvolvimento real (o que ele já sabe) para trabalhar acima do desenvolvimento potencial(aquilo que ele sabe fazer, mais precisa de ajuda para realizar). O educador percebendo o que o aluno é capaz de fazer sozinho, faz com que sua atuação seja através do potencial do aluno.(EMILIANO, TOMÁS 2015)

Portanto, cabe ao educador a noção correta sobre a zona de desenvolvimento proximal dos alunos. O professor deverá planejar a sua prática de forma que ela venha a estimular a segurança e a capacidade dos estudantes para poderem caminhar sozinhos e alcançarem o progresso ensejado no ensino-aprendizagem. Desta forma o professor deverá pesquisar, rever e inserir novas fórmulas a sua prática pedagógica.

Conforme Tassoni (2010), nas relações com o outro, o sujeito consegue dar um sentido afetivo ao objeto, determinando a qualidade dos saberes internalizados. Esses processos de internalização dos objetos, envolvem aspectos cognitivos e afetivos. A fala, o contato físico e a aproximação são elementos indissociáveis, um leva ao encontro do outro. Assim sendo, a totalidade dessas ações implicam nas relações afetivas, dando um significado maior no processo de ensino-aprendizagem.

Partindo da perspectiva da autora entendemos que o papel do educador é simplesmente fundamental no processo de internalização do conhecimento e do desenvolvimento dos alunos. A mediação do educador interfere diretamente na qualidade de relação estabelecidas entre os sujeitos da escola.

Segundo, Emiliano, Tomás (2015), existe a necessidade do educador, não somente fazer com que os alunos aprendam e assimilem o conteúdo ensinado, mais que, vá muito além disso, que eles sejam capazes de sentir esse conteúdo ensinado e aprendam a trabalhar com eles, relacionando-os com as suas emoções.

Vimos à necessidade de que se tem, o professor estar preparado para relacionar o conteúdo de sua prática pedagógica com as emoções dos alunos, porque, somente assim serão garantidos que os mesmos foram aprendidos e assimilados os seus efeitos desejados.

Portanto, o educador mediador precisará ter o conhecimento dos livros didáticos, mas também, a sensibilidade e o domínio sobre a realidade do grupo escolar, pois, de acordo com a vivência dos alunos, junto ao professor na hora de tratar de assuntos emergentes, a escola enquanto instituição, deverá alcançar o processo de formação social: o aperfeiçoamento de seu papel.

Tassoni (2000),buscou evidenciar os aspectos afetivos na interação na sala de aula, analisando a postura do educador e os seus conteúdos verbais, concluindo que os aspectos afetivos estão presentes na dinâmica da sala de aula e influenciam diretamente o processo de ensino-aprendizagem.

Tassoni (2000, apud Emiliano, Tomás,2015,p.65) nos afirma que a intensidade das relações estabelecidas no contexto escolar, são capazes de aproximar ou afastar o aluno do objeto do conhecimento e que a relação do professor com o próprio objeto e a sua relação com a atividade docente influencia da mesma forma, afetando os processos cognitivos e as relações afetivas envolvidas neles.

Percebemos que a seriedade da mediação pedagógica e interação do educador com o aluno é crucial para o desenvolvimento da cognição, suas relações estão permeadas pela afetividade, por isso, a importância do vínculo do educador e educando pelo afeto na educação é tão evidente. O afeto é um fator determinante para a qualidade desta relação, quando relacionamos o sucesso do ensino com a eficácia da aprendizagem pelos estudantes.

Diante do exposto, cabe ao educador a reflexão e consciência de sua real posição na vida estudantil,ele deverá pensar sua prática pedagógica a partir de um desenvolvimento integral dos alunos, ensinando a presença da afetividade na educação,pois, apresenta aspectos

determinantes e condicionantes para uma saudável relação social, dando lugar a uma educação significativa e de qualidade, que os alunos precisam para alcançar o progresso, no processo de ensino-aprendizagem.

4.2- A afetividade no processo Ensino-Aprendizagem e na relação com o outro.

A afetividade está presente na escola, a todo momento, na interação em sala de aula, assim como, no processo de desenvolvimento cognitivo dos alunos. Ela participa ativamente das relações dos estudantes com a ambiência nas relações com outros alunos, com o educador e nas experiências diárias, propostas pelo professor.

Assim sendo, buscamos analisar a afetividade, com base na afirmação da autora, que aprecia a influência positiva do vínculo existente entre os sujeitos nas relações sociais, temos:

Considerando que o processo de aprendizagem ocorre em decorrência de interações sucessivas entre as pessoas, a partir de uma relação vincular, é através do outro que o indivíduo adquire novas formas de pensar e agir e, dessa forma apropria-se ou (constrói) novos conhecimentos. Considerando, igualmente, a qualidade dessas relações sociais, influem na relação do indivíduo com os objetos, lugares e situações. (TASSONI, 2010, p.6)

O professor não apenas transmite saberes, ele orienta os alunos sobre os mais diversos assuntos, apresentando várias visões sobre o conhecimento teórico e prático. Com isso, permitindo que os estudantes se apropriem do saber e tornam-se sujeitos críticos, construindo suas próprias visões de mundo, usufruindo de uma convivência progressista e harmoniosa dentro da escola.

Para compreendermos melhor a dinâmica da sala de aula, buscamos estudos que nos permitem entender melhor essa relação afetiva, tão necessária ao ser humano, a saber:

A afetividade é a dinâmica mais profunda e complexa de que o ser humano pode participar, ela mistura todos os sentimentos como: amor, motivação, ciúme, raiva e outros, e aprender a cuidar adequadamente de todos nas emoções é que vai proporcionar ao sujeito uma vida emocional equilibrada. Tendo em vista que todo o processo educacional significa também a constituição do sujeito. (SARNOSKI, 2014, p.1).

O educador é uma peça fundamental na relação com o aluno, tanto no desenvolvimento da afetividade como no processo ensino-aprendizagem. Ele deverá estimular os estudantes para realizarem desafios e perceberem o ganho de conhecimento, através das atividades propostas pelo educador. O educador deve despertar no aluno o desejo de aprender. A afetividade na educação constitui um importante campo de saber que deve ser trabalhado desde a inicialização escolar, pois, através dela poderemos entender a razão pelos comportamentos humanos, sendo ela uma forte parceira da aprendizagem. (SARNOSKI, 2014).

Visto a relevância da figura do docente na escola, mister se faz sua presença para que haja uma verdadeira efetivação do desenvolvimento cognitivo de cada um dos atores inseridos na educação. “Pois, toda a criança é um ser único, tem seu jeito de pensar e agir é necessário que a relação professor-aluno seja prazerosa, para que, ocorra uma aprendizagem mais satisfatória”. (SARNOSKI, 2014).

Diante do exposto, entendemos que a afetividade possui um papel fundamental para a educação, dando ao educador condições de estabelecer uma relação de sociabilidade dentro da sala de aula. Para efetivar essa relação, o professor deverá adotar a postura de um pesquisador, um estudioso das mais complexas questões, buscando compreensão para os questionamentos e entendendo cada um dos seus alunos de acordo com suas peculiaridades, na medida em que, forem propostos os novos desafios. Assim sendo, ele deverá refletir e compreender o comportamento dos alunos diante de novos conhecimentos.

A afetividade deverá permear as relações dos atores inseridos na escola, ela deverá ser tratada como uma ferramenta facilitadora do conhecimento, pois, evidencia uma intensa presença na aprendizagem dos estudantes, e a mesma é essencial para a prática docente. “O ambiente escolar como base no processo de ensino-aprendizagem do aluno pode e deve favorecer o educando a afetividade em todos os aspectos cognitivos”. (SARNOSKI, 2014).

Em concordância com o parágrafo acima, temos um trecho do texto sobre afetividade e aprendizagem, onde a autora, afirma ser a afetividade como uma base permeando esse processo educacional, favorecido pela relação de sociabilidade escolar. Temos, a saber:

Toda aprendizagem está impregnada de afetividade, já que ocorre a partir das relações sociais. Pensando, especificamente na aprendizagem escolar... Ela não acontece puramente no campo cognitivo. Existe uma base afetiva permeando essas relações.(TASSONI,2010, p,3-4).

Segundo Sarnoski(2014), é no ambiente diário da escola, que os estudantes vão sendo estimulados pelo educador a usarem a criatividade, o instinto e a imaginação para a realização das tarefas. Assim sendo, aprenderam a pensar com fundamentação, visto que, existe uma grande necessidade deste educador possuir uma postura ética e profissional. Contudo vale lembrar que o docente ainda é o essencial instrumento para se efetivar o processo de ensino-aprendizagem dos estudantes.

Portanto é nesse cenário escolar que percebemos que os alunos vão se desenvolvendo no processo de aprendizagem, na medida, em que vão sendo envolvidos e estimulados pelo educador a participarem ativamente das aulas. Com isso, o processo de ensino educacional vai tomando força na vida destes pequenos, permitindo a confiança na relação entre o professor e o aluno. Em um ambiente em que se sintam seguros, eles são levados a acreditar que são capazes da criação e intuição imagináveis, para a atuação da construção de seu próprio pensamento, valores, condutas, entre outros.

O processo de aprendizagem é individual, o intelecto, assim como o afeto, não surge já prontos, nem tão pouco são permanentes. Ambos evoluem a medida que, ao longo do processo de desenvolvimento são construídos e modificados de um tempo a outro. Assim, na medida que,o sujeito desenvolve suas necessidades pelo afeto tornam-se cognitivas. Portanto ao aprenderem os indivíduos acrescentam nas suas vidas novos saberes, relacionando-os aos já existentes.(SARNOSKI,2014).

A temática da afetividade ligada à educação é evidente no ambiente escolar, impulsionando os docentes a superarem. Sabemos que a afetividade é algo íntimo, um sentimento sensível, tem ou não se tem, mas, isso não quer dizer que, não se possa fazer mudanças necessárias, para que os sujeitos possam vivencia-la.(SARNOSKI, 2014).

Portanto os alunos participam ativamente e são atingidos pela afetividade. Nesse cenário afetivo existente na educação, educador e educando, ensejam o fomento, por isso, os professores deveram estar sempre abertos às mudanças necessárias em suas práticas pedagógicas, momento esse, propício para reverem e ajustarem suas condutas referentes à afetividade na educação.

Para a exemplificação e conscientização da afetividade, como forma de pressupostos para processo e construção de conhecimento, temos:

Perceber o sujeito como um ser intelectual e afetivo, que pensa e sente simultaneamente, e reconhecer a afetividade como parte integrante do processo de construção do conhecimento, implica um outro olhar sobre a prática pedagógica, não restringindo o processo ensino-aprendizagem apenas a dimensão cognitiva. Na educação de abordagem construtivista, a preocupação como a forma de ensinar passa a ser tão importante quanto o conteúdo a ser ensinado. Por isso, a intensidade das relações, os aspectos emocionais, a dinâmica das manifestações e as formas de comunicação passam por pressupostos para o processo de construção do conhecimento.(SARNOSKI, 2014).

Para Wallon (1971 Apud TASSONI 2010, p. 15) o autor defende o caráter contagioso das emoções. “A emoção necessita suscitar reações similares ou recíproco em outrem, pois ele possui um grande poder de contágio. Pois, o medo, angústia, ansiedade e frustração são sentimentos que desgastam o aluno

Percebemos que o educador afeta e também é afetado pelos alunos. Esse afeto também alcança a relação aluno-aluno, portanto, para que se estabeleça uma relação afetiva equilibrada, deve-se dosar o excesso de ansiedade que surgem durante as tarefas e buscar trabalhar com afetividade e sensibilidade, tranquilizando, encorajando e fortalecendo

os alunos na prática das atividades, provas e testes, entre outros, favorecendo esses sujeitos. A serenidade e a tranquilidade, auxiliam os estudantes a vencerem esses obstáculos, dando um novo olhar para a prática pedagógica.

Para Tassoni (2010), a importância de diversas formas de interações na educação, são uma maneira eficaz do aluno construir sua autoestima e autoconfiança, que influirão diretamente na construção do conhecimento e seus processos de aprendizagem. Também se percebem nas interações entre os alunos e professores, sentimentos como: acolhimento, simpatia, respeito e apreciação. Outros sentimentos como nível de compreensão, aceitação, valorização do outro são frequentemente detectados na escola.

Diante do elencado acima, concluímos que as experiências na escola, são permeadas por vivências afetivas positivas e trocas, que atuam sobre o objeto de conhecimento, como também fortalecem a autonomia dos alunos, permitindo que os atores envolvidos na educação percebam quem é esse outro, com quem ele se relaciona, assim, enriquecendo a ambiência dando um potencial poder de decisão nos pensamento e capacidade de construção.

Segundo Siqueira, Neto e Florêncio(2011), necessário se faz a observação de que a afetividade esteja realmente fluindo na educação, pois é na escola que temos a oportunidade de desenvolver-se a educação emocional, que prepara os discentes para a efetivação de relações interpessoais, assim, eles terão maiores chances de aprender, pois, com suas necessidades atendidas pelo educador, que utiliza desses espaços para a efetivação da aprendizagem pelo aluno.

Ainda conforme os autores acima, a pedagogia afetiva é uma linha que deverá ser seguida e trabalhada através da demonstração do afeto, sensibilidade, respeito, responsabilidade, dedicação, empatia e compromisso com a educação. Constando-se como resultado uma boa receptividade pelos estudantes para absorver o que se é trabalhado pelo educador, dando lugar a uma confiança mútua. Por isso, ensejamos que a

afetividade seja trabalhada na educação com espaço para o resgate do respeito e reconhecimento.

Podemos entender que a afetividade na educação funciona como um fator positivo, uma vez que, o educador e seus alunos, os discentes entre si mesmo, no grupo, em pares, entre outras formas, para que se estabeleçam cooperação na discussão dos assuntos propostos.

O afeto é bem mais do que se propõem é permitir que o sujeito cresça e que deixe que o outro também cresça, usando de alteridade com esse outro a quem me relaciono, como ele me afeta e também, como é afetado por mim. Temos que permitir que, o afeto cause efeito também, a esse outro alguém do coletivo que me toca, com amor, carinho é intenções.

A temática sobre a afetividade nos permite a reflexão sobre o que posso melhorar, para que cause boas ações pelas minhas condutas a outras pessoas na sociedade. Nesse espaço de relação e saúde que é a escola, vão-se trabalhando com a afetividade na educação, sendo ela capaz de transformar a nós mesmos e aos outros.

Qual é o impacto que causa no outro, as minhas emoções e afeto? Um sentimento genuíno, que pode ser visto, como uma afetividade transformadora, porque possui a capacidade de impulsionar ao aluno a sempre querer aprender, cada vez mais, por causa, da didática que o educador adota em sala de aula, favorecendo harmonia afetiva no ambiente escolar.

Ao relacionarmos a educação com a afetividade, vimos que ela é capaz de proporcionar o amor e o contato entre os estudantes na escola, facilitar o ensino-aprendizagem e colaborar com a prática pedagógica, assim sendo, concluímos que a indiferença do educador pelos estudantes e a ausência da afetividade na educação, porém, poderá acarretar desamor, desunião e conflitos na turma.

Nesta perspectiva, o que podemos vislumbrar na educação são fatos que versam sobre a importância da afetividade no processo de ensino-aprendizagem, o

reconhecimento da relação de poder que a escola exerce com público alvo, capaz de persuadir e transformar a mentalidade dos alunos, favorecendo o conhecimento de maneira articulada, desenvolvendo habilidades e criando vínculos entre os atores da escola, também, contribuindo para formação destes sujeitos, tornando-os autônomos e conscientes.

O que esse educador transformador, poderá ensinar para que seus alunos alcancem aprendizagem, na educação com afeto? Um desejo de aprender e o entendimento consciente sobre o que foi ensinado em sala de aula. Uma participação efetiva de uma educação cidadã. Um progresso da educação com afetividade. Poderemos almejar a eficácia da educação, com isso, garantindo aos discentes uma aprendizagem efetiva e de qualidade, favorecendo aos estudantes, a um futuro brilhante, como cidadãos atuante e sujeitos mais humanizados, em nossa sociedade dinâmica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS E PRÓXIMOS PASSOS.

Este estudo buscou identificar a relevância sobre afetividade na educação e situar a sua contribuição no processo de ensino-aprendizagem dos discentes, nessa relação de afetos, trabalhamos a partir de bibliografias e análises dos artigos científicos.

Nesta pesquisa a afetividade é vista como componente fundamental no processo de ensino-aprendizagem. Sua promoção age como um mecanismo facilitador do conhecimento e troca de saberes. Os educadores encontram por meio das artes, vários talentos e formas que se complementam, neste momento, de criação o afeto surge favorecendo o desenvolvimento de habilidade dos atores envolvidos.

Apesar de a escola ter a intenção de promover a aprendizagem, sua real finalidade deveria ser preparar para viver em melhores condições, respeitando o ambiente social, construindo autonomia e cidadania. Assim, conquistando uma vida mais feliz. Afinal, como educadora contemporânea, acredito que as crianças precisam ser conduzidas e orientadas no processo de seu desenvolvimento mental e social, facilitando a própria aprendizagem discentes, que precisam de observações, correções e acompanhamento.

Portanto, o diálogo entre Ciência e Arte permeado pelo afeto, como forma de proporcionar a melhoria contínua, nos processos de ensino-aprendizagem, favorece à aproximação entre, a cultura e a saúde dentro e fora da escola.

Sabemos que, tanto a Ciência, como as Artes possuem métodos, objetivos, intenções, desafios, criatividade, entre outros requisitos. Essas áreas estão intimamente ligadas, com a cultura da sociedade e essa por sua vez atua positivamente na saúde das pessoas, influenciando diretamente nas vidas dos sujeitos.

No curso de pós-graduação de Ciência, Arte e Cultura na Saúde, refletimos sobre a atuação e esses conceitos, agindo sobre a forma de como vemos a relação com os outros na interação social da turma e com os educadores, como essas ligações com o outro estão minimamente ligados, por meio do afeto.

Percebemos que, com a afetividade desenvolvemos a empatia pelo outro e relativizamos com alteridade, pelo fato de refletimos sobre quem é esse outro que me toca, afeta e ao mesmo tempo é afetado por mim.

Neste curso entendemos com um olhar sensível que a Arte e a Ciência se reinventam, quando existe a força dos afetos que ao mesmo tempo agem com criatividade permitindo que, os indivíduos avancem com resiliência.

Na integração da turma, com a Ciência e a Arte, percebemos a conexão que permeia a Cultura e influencia a saúde das pessoas. Também pelo fato de que a ciência e a Arte são produtos de manifestações humanas. A afetividade promove a integração das turmas, aumentando a criatividade na Ciência e nas Artes, porque, ambas são formas de realizações das manifestações e criatividade dos homens.

Para Araújo-Jorge (2007) existe um “importante elo nas relações entre Arte e Ciência: a Arte pode sensibilizar a percepção, via expansão de nossos sentidos, de nossos olhares, e nos facilitar o encontro de novas ideias e soluções”.

Entendemos que, a relevância e o valor que se outorgam nas metodologias usadas pelos educadores, tanto auxiliam na construção de conhecimento, quanto na produção de uma aprendizagem significativa pelos alunos.

Ainda podemos entender que tanto a Arte como a Ciência, atuam como parceiras na produção do conhecimento. Também favorecem o diálogo entre as duas ciências, permitindo a compreensão e as soluções de conflitos, e mais:

O uso das artes pode ser útil para compreender os modelos científicos e vice-versa, mas não se trata de utilizar as ferramentas e métodos artísticos para solucionar problemas científicos, pelo contrário, trata-se de questionar, problematizar e compreender os processos artísticos para melhor compreender e solucionar os processos científicos, pois, ambos são ferramentas para compreensão e intervenção no mundo. (SAWADA, 2014, p.33)

As diversas propostas e estratégias de ensino-aprendizagem que foram trabalhadas com afetividade, na utilização pelos educadores possuem características peculiares, tanto no que ao referirem as situações que envolvam apenas um sujeito, quanto as que envolvam todo um grupo de estudante, nos complexos processos de ensino e na construção dos saberes.

Portanto, entendemos a necessidade da valorização da afetividade em todos os processos de ensino-aprendizagem que acontecem na educação, bem como as formas, significativa das mais diversas práticas docentes, oportunizadas aos estudantes.

No curso de pós-graduação de Ciências, Arte e Cultura na Saúde, o afeto é utilizado em momentos estratégicos diferentes, bem como, a possibilidade de utilização de espaços com ambiência afetiva, respeitando-se cada um dos sujeitos.

O elo entre educador e educando poderá ser apreciado por um olhar com foco social. Desta forma, o modelo social escolar poderá ser entendido como uma proposta de escola que favorece um ambiente saudável, sem violência, permitindo a cultura da paz, com segurança nos ambientes, entre outros, com aspectos afetivos.

Assim sendo, o afeto ainda pode ser promotor de saúde para o estudante, um sentimento de confiança em suas capacidades cognitivas e afetivas, a compreensão e socialização serão como um instrumento de abordagem motivadora, integradora e dinâmica a favor da aprendizagem.

A nossa sociedade dinâmica exige a presença da afetividade na educação, sua importância requer uma forma a trazer a vida para dentro da escola. Ela deve ser o local, onde o ser humano possa viver de forma integral, pois o período de permanência do aluno dentro da escola é maior do que o tempo que ele interage com a própria família.

Portanto, cabem aqui ressaltar que, esse trabalho não pretendeu esgotar totalmente o tema, e sim abrir um horizonte para outras pesquisas, bem como, a forma afetiva de olhar a parceria, a interlocução e a comunicação dos atores da escola.

Nesta perspectiva, o que podemos vislumbrar sobre a importância da afetividade no processo de ensino-aprendizagem? O reconhecimento da relação de poder que a escola exerce com público alvo, capaz de transformar e persuadir a mentalidade dos alunos, de maneira articulada contribuindo para formação destes sujeitos, tornando-os autônomos e conscientes.

Esta pesquisa não se extingue apenas neste trabalho, porque, diante de tamanha complexidade do tema, pretendemos com esse trabalho, abrir caminhos para um programa de Mestrado.

Pretendemos ainda, externalizar a completude do tema desse trabalho em uma pesquisa de campo, com abordagem direta e observação participante, da relação saudável e afetuosa em que se permeia essa pesquisa, pois, aprendemos que a

afetividade favorece a sociabilidade da turma com os professores e com outros alunos, também auxilia nos exercícios que exigem mais da memória, raciocínio e inteligência.

Para Gardner (2001), “a inteligência emocional caracteriza-se pela presença da inteligência inter e intrapessoal, com a participação da empatia, sensibilidade, controle das próprias emoções.”

Portanto, na arte de educar, por meio de uma relação social afetuosa, permite que, os alunos aprendem, desenvolvam habilidades e são estimulados a viverem novas experiências, produções, criações e a solucionarem seus próprios conflitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Celso. **Alfabetização emocional: novas estratégias**. Petrópolis.RJ, 1999.

ARAÚJO.Tânia.C.Jorge**Relações entre Ciência, Arte e Educação: relevância e inovação**. Fiocruz. 2007. Disponível em www.scielo.com.br. Acessado em 01/08/2017 as 4:00h.

BRASIL.MEC. Secretaria de Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, 1997. Acessado em 19 mar. 2017, às 20h.

BRASIL.MEC. Secretaria de Ensino Fundamental. **Diretrizes Curriculares Educacionais**. Brasília, 2005. Acessado em 19 mar. 2017, às 20h.

BRASÍLIA. Lei 8069 de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente. Iniciativa dos Juízes da Infância e da Juventude do Estado do Rio de Janeiro, coordenados pela AMAERJ. Rio de Janeiro: Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro, 2010.

CARNEIRO, Moacir Alves. **LDB fácil: leitura crítico-compreensiva artigo a artigo**. 20 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

DESLANDES, Suely Ferreira. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Suely Ferreira Deslandes, Romeu Gomes ,Maria Cecília Mynaio (organizadora) 27 ed.- Petrópolis,RJ: vozes, 2008.

FERREIRA, Aurino Lima. RÉGNIER-ACIOLY, Nadja Maria. Contribuições de Henri Wallon a relação cognição e afetividade na educação, 2010. Disponível em [www. Scielo. BR/ epsic](http://www.scielo.br/epsic), acessado em 22 de mai. de 2017, às 10:35 h.

FERREIRA, Francisco Romão. **Ciência e Arte**: investigações sobre identidades, diferenças e diálogos. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.36,p. 2661-280. Jan/abr.2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

_____ **Pedagogia do Oprimido**.17ª Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GALVÃO, Isabel. **Henri Wallon**. Uma concepção Dialética do desenvolvimento infantil. 5ª ed. Petrópolis. Vozes, 1995.

GARDNER, Howald. **Inteligência**: um conceito reformulado. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LAZARUS, Richard S. **Personalidade e adaptação**. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1998.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem**: componente do ato pedagógico. 1. Ed.- São Paulo: Cortez, 2011.

MARTINS, Gabriela Dal Forno. VIEIRA, Mauro Luís. Desenvolvimento humano e cultura: integração entre filogênese, ontogênese e contexto sociocultural.2010. Disponível em [www. Scielo. BR/ epsic](http://www.scielo.br/epsic), acessado em 22 de mai. de 2017, às 10:10 h.

MOLON, Suzana Inês. **Psicologia Social**. Subjetividade e constituição do sujeito em Vygotsky. 3ª ed- Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

NUNES, Clarice. **Coleção Educadores**. Vygotsky/ 152 p.: il. – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 2010.

OLIVEIRA, Cláudio Brandão de. **Constituição da República Federativa do Brasil:** comentada. São Paulo: 5 ed. Roma Victor. 2004.

O N U. **Declaração dos direitos das crianças.** Assembleia geral das Nações Unidas, 20 de novembro de 1959. Adaptação da declaração dos direitos humanos. 2010, em <https://www.planalto.gov.br/civil> acessado em 22 de jul.2017, às 11h e 25min.

O N U. **Declaração dos direitos humanos.** Assembleia geral das Nações Unidas, 20 de novembro de 1948. <https://www.planalto.gov.br/civil> acessado em 26 jul.2017, às 18h e 1min.

RIVIERE, Enrique Pichon. **Teoria do vínculo:** Psicologia e pedagogia. 7 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

SANTOS, Rosemary Rodrigues de. **Vygotsky:** uma psicologia de perspectiva histórico cultural. Disponível em www.scielo.com.br acessado em 30 de jan.2017 às 10:00h.

SARNOSKI, Elimara Aparecida. Faculdade Ideau-Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto- Ideau (REI) **Revista de Educação do Ideau:** Afetividade no processo ensino-aprendizagem. Vol. 09- nº 20 (julho a dezembro) 2014.

SAWADA, Anunciata. A disciplina de ciência e arte no ioc e a criatividade dos egressos através de seus trabalhos finais. Tese de mestrado acadêmico em ensino de biociências e saúde. 2014.

SIQUEIRA, Alessandra Maria de Oliveira. NETO, Demuniz Diniz da Silva. FLORÊNCIO, Rutemara. A importância da afetividade na aprendizagem dos alunos, 2011. Disponível em www.scielo.com.br acessado em 20 de mai. .2017 às 2:00h.

TASSONI, Elvira Cristina Martins. **Afetividade e aprendizagem:** a relação professor-aluno.2008. Disponível em www.scielo.com.br acessado em 10 de abr.2017 às 23:00h.

_____. Afetividade e produção escrita: a mediação do professor em sala de aula. 233f. 2000. Dissertação de mestrado(Mestrado em Educação) Universidade Estadual de Campinas. SP PDF> acesso em 18 de jan. de 2017. Às 11:45h.

_____.A dinâmica interativa na sala de aula: as manifestações afetivas no processo de escolarização. 291 f. 2008. Tese(Doutorado em Educação) Universidade Estadual de Campinas, Campinas 2008. PDF> acesso em 18 de jan. de 2017. Às 11:45h.

TIBA, Içami. **Quem ama educa!**:Formando cidadãos éticos, São Paulo: Integrale Editora, 2012.

_____. Pais e Educadores de Alta Performance. 2ª ed. São Paulo: Integrale Editora, 2012.

VALVER, Jean Destrooper Pierre. **Educação Psicomotora**: Dinâmica da ação educativa.São Paulo: Manole ltda Editora, 1986.

WOLLZ, Larissa Escarse Bento. **Percepções de infância e juventude no campo**. 1 ed. Curitiba, PR: CRV, 2014.